

Augusto fala sobre os artistas

A seguir um depoimento de Augusto de Campos sobre os artistas que participaram da Exposição Nacional:

Os artistas que participaram da Exposição Nacional eram quase todos procedentes do grupo Ruptura (1952) eram: Waldemar Cordeiro, Sacilotto, Maurício Nogueira Lima, Geraldo de Barros, Fiaminghi, Charoux, Alexandre Wollner, Judith Lauand. E mais Alfredo Volpi, especialmente homenageado. Os poetas: Décio, Haroldo e eu, reunidos desde 1952 na revista e grupo Noigandres. Foi do Cordeiro a idéia de dar cunho nacional à exposição e fui eu (em contacto com Oliveira Bastos) que fiz o convite aos artistas do Rio (Ivan Serpa, Lygia Clark, Aluisio Carvão, Hélio Oiticica, Lygia Pape, Weissman e outros, do grupo Frente) e ao poeta Ferreira Gullar. Eles não se chamavam "concretos" (na verdade, alguns eram mais abstracionistas do que concretos) e Gullar tinha nitidos vínculos com o surrealismo. Mas eram os que mais se aproximavam do nosso caminho.

Desde 1955 eu usava a expressão "concreta", que já era empregada pelos pintores paulistas para definir o seu trabalho. No Rio, o crítico Oliveira Bastos me apresentou Wladimir Dias Pino, que vivia entre Matogrosso e Rio (não se sabendo ao certo se sera carioca ou matogrossense). E eu descobri um poeta de 19 anos, Ronaldo Azeredo, carioca puro. Ambos foram incorporados à exposição. Ronaldo acabou se transferindo para São Paulo e integrando o nosso grupo, ao qual veio associar-se, pouco depois, um outro carioca, José Lino Grunewald. Wladimir permaneceu solidário conosco, no episódio posterior da dissidência gullariana.

A linha de ação dos artistas plásticos



Waldemar Cordeiro e Lotar Charoux, dois artistas do grupo paulista "Ruptura"

daqui era a de obras rigorosamente construídas a partir de elementos geométricos, cores fundamentais, idéias claras, respondendo a um sentido de organização de formas, com projeção na arte industrial e na arquitetura, e de exploração de ambiguidades perceptivas, tempospaciais (com influência da "Gestalt" de Koffka e Kohler). Cordeiro, de formação marxista, buscava para essa arte, que recusava o anedótico e o subjetivo, uma fundamentação social, utópico-construtivista, à maneira dos pioneiros da vanguarda russa, como Malievitch e Lissitski. Desde o início verificou-se certa divergência entre os artistas plásticos daqui e os de lá. Estes

eram, em geral, mais subjetivos e menos rigorosos em suas construções, algumas vezes próximas do que Cordeiro impugnava como "abstracionismo hedonista". Solidamente firmada pelos paulistas, a teoria da arte e da poesia concreta catalizou o movimento e depurou a produção do grupo do Rio. O desdobramento neoconcreto atendeu mais a uma questão estratégica, de luta pelo poder, do que a uma divergência profunda, já que o código básico — a "língua geral" dos artistas daqui e de lá — já estava delineado na Exposição de 1956 e prosseguiria, simplesmente com marcas individuais, nos anos seguintes.

Bancos de Dados